

Apresentação de Francisco Magalhães (03/02/1935 – 30/06/2010)*

Por Marion Brepohl de Magalhães, sua esposa

Quero, em primeiro lugar, agradecer ao CORECON, na pessoa do Dr. Tiago Jazynski por essa homenagem a Francisco Magalhães

Em meu nome e em nome de minha família, quero dizer que ficamos muito agradecidos, pois toda a homenagem evoca uma presença na ausência. Sentimo-nos assim, como que envaidecidos por termos sido escolhidos e escolhidas por Francisco. Agradecer ainda à comissão que selecionou seu nome para o prêmio; estou certa de que tinham outros nomes de peso e que sempre é difícil escolher um só nome, pois todos possuem qualidades, Cada um à sua maneira. Isso nos deixa ainda mais honrados e honradas E ao Setor de Ciências Aplicadas, na pessoa do Prof. Dr. Fabiano Dalton, na concessão deste espaço para a cerimônia, espaço que foi, por muitos anos, a segunda casa de Francisco Magalhães

Devo dizer que é muito difícil falar de uma pessoa que se conheceu no âmbito do privado, cuja inteligência, gentileza e constante alegria me marcaram muito. Entretanto, bem sei que nossos e nossas ouvintes se interessam muito mais pelo homem público que foi ele. Mas não posso me furtar a breves comentários sobre nossa vida em comum. Prometo que serei muito breve.

Eu conheci Francisco por acaso, de vez que nosso encontro se deu em um coquetel de aniversário do IPARDES, onde eu trabalhava à época; no início, foi um diálogo bem profissional. Ele estava chegando de Brasília, na gestão de governo José Richa, e considerava importante que o IPARDES fizesse estudos com uma perspectiva histórica mais saliente e eu era, à época, a única historiadora por ali, se não me falha a memória.

* Texto apresentado como comunicação em mesa redonda por ocasião do lançamento do prêmio Francisco Magalhães, Conselho Regional de Economia do Paraná, abril de 2026

Lembro-me que meus colegas estavam felizes com seu retorno à Curitiba, mas eu não sabia nada sobre ele, exceto que era autor do livro *História Econômica*, o qual constava em minha estante, mas eu ainda não o tinha lido.

Depois começamos a conversar sobre o próprio IPARDES e finalmente, sobre outras afinidades eletivas. Além de História, Francisco e eu éramos aficionados por Literatura, à época estávamos lendo, respectivamente, Vargas Llosa e José Saramago. E gostávamos muito de música, no caso dele, especialmente o jazz. Momentos lúdicos eram compartilhados entre nós com algumas letras de tango, que ele sabia de cor, pois seu pai fora diplomata na Argentina, motivo pelo qual ele residira naquele país, e ele adorava encenar as melodramáticas canções que narravam o fim inevitavelmente trágico do homem traído por uma mulher falsa e malvada ou, ao contrário, da mulher que morria desesperada por amor a um homem que a desprezara... o tango, lugar de amores fatais e insanos. Enfim, eram canções que evocavam a sua adolescência em Rosário, onde também ele acompanhou o nascer do mito de Eva Perón. Ali também, na mente do menino, ouviam-se pelo rádio notícias da Segunda Guerra, e foi por tais notícias que ele começou a admirar os Estados Unidos.

Bem, mas voltando à *persona* de Francisco. Ele pertenceu a uma geração de jovens que se formaram no Brasil para serem cientistas sociais. Os jovens que estão nesta plateia talvez não se deem conta, mas até os anos 50, nós só tínhamos, como profissões de nível superior masculinas, via de regra, bacharéis em Direito, médicos e engenheiros.

Porém, naqueles anos, mudanças começavam a se processar. Surgiam Antropólogos, economistas, sociólogos, administradores, historiadores e cientistas políticos. Tratava-se de uma fase de otimismo naquela curta experiência democrática, do pós Segunda Guerra a 1964, e muitos intelectuais deixaram a relevante solidão da academia para participar do gerenciamento do estado, desenhando projetos nas áreas de cultura, economia, urbanismo, agricultura, saúde pública,

industrialização; sobretudo, industrialização. Penso que naquele curto lapso temporal, formaram-se bacharéis com uma rara sensibilidade para unir duas vocações, a ciência e a política, como salientou Max Weber num pequeno livro que leva este nome. A ciência, que nos faz entender, que por mais que nos dediquemos a um conhecimento, acrescentamos apenas uma partícula de imortalidade à sua história; e a política, que nos impulsiona a agir com a sensação de que fazemos tudo pela história e na história.¹

Era uma nova geração de funcionários públicos, talhados para desenhar, planejar, assessorar os governantes e parlamentares. Foi uma pequena tentativa de mediação entre os interesses imediatos de cada segmento social e os valores republicanos.

Dito isto, como definir a atuação de Francisco, em especial, na Universidade Federal do Paraná e, concomitantemente, nos cargos públicos que ocupou?

Primeiro, sobre sua formação, e prometo que eu não vou sequestrar o tema dos colegas que me sucederão, não vou falar do campo teórico das Ciências Econômicas, nem teria competência para fazê-lo.

Apenas pensar neste momento rico que foram os anos 50 do século passado, curto período de democracia no Brasil, entre duas ditaduras, ditadura Vargas e ditadura militar.

Foi uma conjuntura fortemente marcada pela noção de desenvolvimento, Expressão que será uma tônica retomada por vários estudiosos desde então.

Um parêntesis:

De maneira alguma concordo que o termo desenvolvimento empregado pelos intelectuais da década de 50 seja o mesmo empregado pelos intelectuais do período ditatorial. A palavra é a mesma, mas não o conceito. No período ditatorial, como afirma Maria Yeda Linhares com toda a propriedade, Desenvolvimento previa industrialização sem reforma

¹ WEBER, Max. *Ciência e política; duas vocações*. São Paulo: Cultrix., 2003.

agrária e sem inclusão dos trabalhadores urbanos na esfera do consumo² (e eu acrescento, com o extermínio de populações indígenas). Os economistas da década de setenta se apropriaram do termo que fora inaugurado no Brasil, por Celso Furtado e Juscelino Kubitschek.

Nos anos 50 e início dos sessenta, desenvolvimento econômico estava associado a desenvolvimento social e modernização política.

Nos anos 50 e 60, a opinião pública começava a ficar atenta ao que fazia o governo, por isso tivemos campanhas memoráveis como a de Juscelino Kubitschek e a de Jânio Quadros. E tivemos a consolidação do Movimento estudantil, com a reivindicação, através da UNE, por reformas na universidade. Quem conhece a história se lembra que Juscelino Kubitschek, para aplacar uma greve, colocou o presidente da UNE em sua própria cadeira de presidente do Brasil e pediu para que ele opinasse sobre os impasses do aumento do custo de vida.³

Foi o momento também da emergência do movimento “música popular brasileira”, cinema novo e teatro, e da instalação da televisão no Brasil, momento de urbanização e da construção de Brasília.

Foi neste contexto que surgiu o imperativo do progresso, e, para que ele se fortalecesse, recomendava-se a construção de um Estado Forte. Na concepção do economista Celso Furtado, de quem Francisco foi tributário, havia uma identificação entre força política e força econômica. Um Estado fraco seria sinônimo de economia fraca e uma economia fraca impediria a constituição de um Estado forte.⁴

O Brasil, assim consideravam os intelectuais, e é de se salientar que neste período se reuniam tanto intelectuais de centro direita quanto intelectuais de esquerda, deveria ser uma nação forte, não poderia estar à mercê das decisões externas como historicamente esteve no período colonial, tanto pela submissão à metrópole (quanto da dependência política *strictu sensu*), como pela subsequente submissão às oscilações

² LINHARES, Maria Yeda. *História política do abastecimento*. Brasília: Coleção Estudos sobre o desenvolvimento Agrícola, 1979.

³ TENDLER, Silvio. Filme Documentário Os anos JK, uma trajetória política, 1980.

⁴ CÊPEDA, Vera. *O pensamento político de Celso Furtado: desenvolvimento e democracia*.

https://antigo.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311541490.CEPEDA_O_pensamento_pol%C3%83%C2%ADtico_de_CF.pdf

de mercado, que tão duramente influenciavam o sistema nacional. Dever-se-ia então fortalecer o estado para que este fosse o indutor do desenvolvimento industrial.

Sensível a este momento em que a sociedade brasileira vivia, Francisco foi buscar orientação, tanto para suas aulas como para seu trabalho em órgãos públicos, na escola cepalina. Creio que não é exagerado dizer que ele introduziu as ideias desta escola aqui no estado do Paraná

Certa vez Francisco concedeu uma entrevista a mim e a meu colega Francisco Moraes Paz, para um projeto que desenvolvíamos, admitindo que no Paraná o intervencionismo estatal começou a se dar muito mais para sanar a crise de financiamento do estado provocada por Moisés Lupion do que propriamente por um planejamento deliberado.

Mas o fato é que o planejamento começou a se realizar.

Como em outros estados, também aqui começa a se pensar o desenvolvimento de maneira mais sistematizada – e é por isso, eu penso, que Francisco criou o IPARDES

Eu cito o IPARDES porque ele faz parte da minha memória pessoal. Mas antes dele houve a CODEPAR e o BADEP, órgãos de fomento ao desenvolvimento.

Em todos estes organismos, a carreira intelectual de Francisco, tanto quanto os cargos e funções que ocupou, como membro do IPEA e o de presidente do COFECON, entre outros, estiveram ligadas ao Planejamento – inclusive na Universidade, onde foi Pró-reitor de planejamento na gestão de meu ex-orientador, colega e amigo Carlos Antunes.

Como professor, ele ministrava aulas de *História Econômica*, por vezes, outras disciplinas optativas, muito ancorado nos clássicos da Economia, notadamente Karl Marx, Adam Smith, Maurice Dobb e outros economistas ingleses, mas seu livro, *História Econômica* era a referência

principal. E participava de debates, precedidos por suas conferências quase sempre muito frequentadas.

Com a imposição do neoliberalismo no Brasil – e digo imposição, pois nem a campanha de Fernando Collor, nem a campanha de Alvaro Dias traziam consigo uma promessa responsável – *Hannah Arendt nos ensina que em política só existe uma única ética, que é a da promessa e o cumprimento desta promessa*⁵– pois bem, em nenhum dos dois casos havia uma plataforma neoliberal, apenas uma gritaria contra corrupção, marajás, enxugamento da máquina, salários dos privilegiados, mansões, luta contra os *poderosos*, frases tão imprecisas quanto vazias, que eram recobertas pelas técnicas de *marketing*,

Data desta conjuntura que os instrumentos de planejamento começam a se esfacelar, de forma desordenada e pouco criteriosa. E data daí o afastamento gradativo de Francisco da coisa pública.

Mas não do trabalho. Ele prosseguiu com aulas e palestras.

Escreveu um texto sobre o Mercosul e depois sua tese de doutorado, intitulada *da Construção ao Desmanche*, que traduzia o seu entendimento do que seria o neoliberalismo no Paraná, implantado entre os anos 1987-1991, com algumas interrupções pelas gestões ulteriores do PMDB, partido de oposição àquela tendência, partido que ganhou as eleições no Paraná nos anos 1991-1994, 2003-2006, 2007-2010.

Sobre o que viria a ser o livro *Da construção ao desmanche*, eu me lembro de ter discutido vários capítulos deste trabalho com Francisco, e insisti para que ele redigisse outros textos que tratassem desse mesmo tema, aprofundando a relação entre propaganda massiva e opinião pública; sugeri que demonstrasse que não por acaso o neoliberalismo fora difundido por meio do *marketing* e não por meio de um programa partidário.

Mas isso, segundo ele, não era um tema para economistas.

⁵ ARENDT, Hannah. *A promessa na política*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Preferiu dedicar-se ao estudo das relações entre Ética e Economia, não sem antes cumprimentar, acaloradamente, sua amiga Conceição Tavares por ter sido eleita deputada federal.

Para concluir: penso que Francisco foi um intelectual público.

Entendo como intelectual público alguém que se dedica a difundir um pensamento a partir de uma crítica fundamentada, ao mesmo tempo em que esclarece ao público aquilo que está embaçado. Segundo Edward Said,

O intelectual público, homem ou mulher, é alguém que pensa por si próprio, sempre com o objetivo prioritário de dinamizar a reflexão coletiva e de questionar a ordem do mundo, embora não necessariamente de fazê-la ruir.

Por isso (...) incomoda sempre aqueles que impõem a sua autoridade apoiados na ignorância e na manipulação do cidadão comum.⁶

O Intelectual público aceita a serenidade da academia tanto quanto a urgência do nervosismo político. Francisco tinha estas duas virtudes, no meu entendimento.

Segundo Habermas, que faleceu em 14 de março de 2026, os intelectuais podem estar morrendo, ou estão sendo substituídos por comunicadores ou pior, influenciadores, que são pessoas ligadas ao mercado, apoiando-se, não na reflexão crítica, mas em frases que provocam sensações de agrado e desagrado imediatos.⁷ São superestrelas dos meios de comunicação de massa, das redes sociais, do noticioso digital, que procuram não a notoriedade, mas a visibilidade. Para tanto,

⁶ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁷ HABERMAS, J. Entrevista. *Não pode haver intelectuais se não há leitores*.

<https://www.ihu.unisinos.br/578694-juergen-habermas-nao-pode-haver-%20intelectuais-se-nao-ha-leitores>

não importa a duração, mas o impacto, não importa a narrativa, mas a catástrofe, não importa a credibilidade, mas o sucesso.

Para pessoas como estas, penso que Francisco, com sua enorme erudição, mas mais ainda, com seu senso de humor indefectível, conhecido por todos seus amigos e amigas, responderia algo assim, como este exemplo que retiro de suas próprias palavras sobre outra ocasião:

É uma injustiça denominar as grandes obras da época da ditadura militar como faraônicas – injustiça para com os faraós, bem entendido, pois afinal, os faraós costumavam consultar os ignorantes, mas também os sábios.

Esta lembrança me faz pensar que a vida sem Francisco ficou menos engraçada e a política menos séria

E termino com um pequeno poema de Alice Ruiz:

Tem os que passam
e tudo se passa
com passos já passados

tem os que partem
da pedra ao vidro
deixam tudo partido

e tem, ainda bem,
os que deixam
a vaga impressão
de ter ficado